

# ANÁLISE DO DISCURSO NA PESQUISA EM DESIGN: CONECTANDO DIFERENTES ESFERAS DO CONHECIMENTO

*Nilton Gonçalves Gamba Junior*

*gambajunior@gmail.com*

*Pedro Faria Sarmento*

*pedrofsarmento@gmail.com*

## INTRODUÇÃO

A pesquisa em Design emerge e tem sua difusão em um contexto histórico de inexorabilidade da dimensão interdisciplinar do conhecimento. Nesse cenário, as investigações que integram Design e Sociedade, com foco na dimensão humana, vão se apoiar em autores da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, da Comunicação, dentre outras. Constitui-se, assim, um desafio para o pesquisador: como aplicar e conjugar conceitos e reflexões de áreas complementares às metodologias próprias do Design? Nesse sentido, este capítulo descreve a proposta metodológica utilizada na tese de doutorado *Os desenhos animados e a infância: da Classificação Indicativa à Educação para as Mídias* (SARMENTO, 2019).<sup>1</sup> Tese desenvolvida por Pedro

---

<sup>1</sup> Designada como pesquisa-exemplo neste texto, esta investigação é financiada pela CAPES (Processo: PDSE 88881.133241/2016-01) sendo realizada no Brasil e em Portugal: vinculada ao DAD (Departamento de Artes & Design) na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) no Brasil e ao MIA (Mestrado de Ilustração e Animação) do IPCA (Instituto Politécnico do Cávado e do Ave) na cidade de Barcelos em Portugal. A investigação integra, ainda, o grupo de pesquisa CAOS (Comunicação, Arte, Objeto, Sinergias) do ID+ (Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura).

F. Sarmiento com orientação de Nilton G. Gamba Junior no DHIS (Laboratório de Design de histórias) pertencente à linha de pesquisa Comunicação Cultura e Artes do Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio.

Nesta pesquisa, a interdisciplinaridade é identificada na diversidade de autores que foram evocados, tanto pelo tipo de objeto de estudo, como, também, pela técnica de pesquisa de campo utilizada na metodologia: a Análise do Discurso, abordagem dada ao tratamento de dados recolhidos na investigação. Eni Orlandi (2007) apresenta a Análise do Discurso como ferramenta interdisciplinar e aberta à integração de diferentes autores e elaborações analíticas: o seu uso na pesquisa em Design evidencia a amplitude de aplicações da técnica. A proposta, aqui, é delinear uma estrutura sequencial de etapas que relacionam os dispositivos teóricos e analíticos a um estudo de campo sobre a produção de sentidos em torno de uma questão social interdisciplinar – o tema da violência na produção de desenhos animados para crianças.

Na subárea Comunicação Visual, dentro da área do Design, o discurso e sua análise apresentam-se como demanda necessária para a leitura crítica não só do objeto, mas também de seu entorno, o que envolve, nesta pesquisa, uma ampla gama de produção de sentidos no campo como as falas dos usuários, produtores, especialistas de outras áreas, além dos pais, por ser um campo com crianças. O percurso desta tese oferece-se como exemplo de análise de um artefato da produção do Design – desenhos animados – com características híbridas e de múltiplas inserções sociais a partir de um recorte de observação: os sentidos produzidos por essas diferentes *personas*. Esta proposta apresenta, assim, aderência em pesquisas que envolvam divergentes áreas do conhecimento propondo a associação de instâncias sociais heterogêneas.

Por exemplo, a Classificação Indicativa brasileira, para além do espectro midiático e imagético, referencia-se no âmbito legislativo sendo responsabilidade do Ministério da Justiça. A Educação para as Mídias, assim como outros campos que fomentam a mediação crítica das produções audiovisuais, como a Mídia-educação, a Literacia Midiática (*Media Literacy*) e a Educomunicação, apoia-se nos estudos sobre a linguagem, na Psicologia, na Educação, na Comunicação e nos Estudos Culturais de forma mais geral. Já os desenhos animados, para além da visualidade e da temática da infância, referenciam-se no âmbito narrativo. Desse ponto, surge o desafio de desenvolver uma metodologia que consiga contemplar e conectar essas instâncias possibilitando reflexões, debates e análises sobre o tema de forma fundamentada e contribuindo para a formação do designer em animação – uma

área importantíssima dentro da Comunicação Visual e dos estudos da Mídia nas diferentes habilitações do estudo do Design.

A escolha desta proposta metodológica facilita desenvolver processos analíticos de diferentes ordens: a análise textual referente à legislação que controla a exibição de conteúdos culturais às crianças; a análise visual de um desenho animado contemporâneo (Hora de Aventura) com base nos critérios da Classificação Indicativa brasileira; a pesquisa de campo com crianças, pais e animadores a partir de dinâmicas lúdicas com cartas; e, também, as entrevistas com educadores da animação, pesquisadores da área da infância, agentes sociais e professores com experiência em metodologias alternativas.

Nesse trajeto metodológico, entende-se que a perspectiva do Design propicie novos olhares e apresente pontos de vista singulares que enriqueçam o debate educacional sobre a mídia. Do mesmo modo, o campo do Design amplia seu escopo ao incorporar aspectos sociais produzidos pela mídia: ao analisar a produção discursiva relacionada aos desenhos animados e à cultura de massa de modo mais amplo, o campo Design ganha potência ao repensar as relações político-midiáticas presentes na sociedade.

## **ANÁLISE DO DISCURSO**

Eni Orlandi (2007) situa a linguagem como mediação entre o sujeito e o mundo em seu aspecto social. Reforça-se a ideia de linguagem como trama, como rede de sentidos possíveis. A análise de discurso não se refere a descobrir um sentido verdadeiro a tal signo, a expor uma chave de interpretação. Ao contrário, trata-se de entender como certo texto significa, como produz discurso. Discurso, por sua vez, não compreendido como conteúdo ou composição estática, mas, sim, por seu aspecto relacional. Discurso é efeito de sentido entre interlocutores. Na perspectiva de que o discurso não se fecha em si mesmo, Orlandi desenvolve a crítica à literalidade, ao sentido independente do contexto, sugerindo a interdiscursividade como fator essencial à linguagem: o já dito que sustenta as possibilidades de dizer, a produção de sentidos. Como um contínuo, o discurso dirige-se para outros discursos que o sustentam, ao mesmo tempo que abre espaço para dizeres futuros, novos discursos. A processualidade, assim, é condição da linguagem que é entendida como esfera do mesmo (da permanência) e do diferente (da transformação). Nessa perspectiva, a relação do sujeito com o objeto nunca é concluída, mas, sim, constantemente proposta.

Nesse mesmo caminho de pensamento, Mikhail Bakhtin (2011, 2014) aborda a dialética interna do signo: no mesmo signo existem conflitos entre diferentes valores e interesses sociais. A linguagem não é ambiente pacífico, mas arena de luta: o enunciado, assim, não é neutro e completamente regular, pois as práticas sociais definem e redefinem o seu arranjo. Nesse cenário, de uma linguagem viva, Bakhtin compreende os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados, mas não categorias fixas e rígidas. Os gêneros do discurso não apresentam uma classificação permanente, mas um arranjo temporário em movimento constante devido à mudança social. Dito de outra forma, os enunciados, pela dinâmica social, continuamente legitimam gêneros do discurso, não o contrário. Cada enunciado é parte integrante do fluxo de comunicação: enunciados são elos desse fluxo, remetem ao já dito e abrem espaço para novos enunciados. Não há enunciado isolado. A conclusibilidade do enunciado indica possibilidade de resposta e alternância de sujeitos do discurso.

Nessa perspectiva teórica, Orlandi aborda a paráfrase e a polissemia, não apenas como simples figuras de linguagem, mas como efeitos discursivos. A paráfrase como funcionamento que afirma os mesmos espaços de dizer, a estabilização de sentido, e, por outro lado, a polissemia como ruptura, deslocamento, mudança nos processos de significação. Os sentidos não estão separados ou desconectados entre si, pelo contrário, apresentam-se de modo administrado, organizado. Há filiação de sentidos, relações constituídas que apontam o que pode e deve ser dito em determinado âmbito, o que Orlandi conceitua como formações discursivas: “(...) as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem” (ORLANDI, 2007, p.43).

As formações discursivas não são estruturas fechadas: apesar de manifestarem regularidades indicando certo funcionamento, também se expressam de modo heterogêneo implicando contradições, reconfigurações constantes e deslocamentos de sentido. Pensando paralelamente, o conceito de gêneros de discurso também apresenta esta tensão entre ordem/ruptura, como apontam Paulon, Nascimento e Laruccia a partir do pensamento de Maingueneau:

Maingueneau (2004:69-70), ainda no que se refere à caracterização dos gêneros de discurso, recorre à utilização de metáforas (com valor pedagógico) emprestadas de três domínios: jurídico (contrato), “*significa afirmar que ele é fundamentalmente cooperativo e regido por normas*”; lúdico (jogo), “*um gênero implica um número de regras preestabelecidas mutuamente conhecidas e cuja transgressão põe um participante ‘fora do jogo’*”; e teatral (papel), “*cada gênero de discurso implica os parceiros sob a ótica de uma condição determinada e não de todas as suas determinações*”

*possíveis. [...] De um certo modo, nossa personalidade é tecida com os 'papéis' em que atuamos” (PAULON; NASCIMENTO; LARUCCIA, 2014, p.42).*

O texto, nas suas diversas relações com outras linguagens, constitui-se como experiência que pode ser analisada. Orlandi, em diversos momentos de sua análise, mostra essa relação interdependente entre texto e imagem. Um exemplo é a análise de uma faixa estudantil de cunho político, durante o período da ditadura militar, em que o texto muda radicalmente de sentido por estar em preto (cor do fascismo na época) e não em vermelho (típica dos movimentos de esquerda). Assim, hibridez do discurso é inerente à produção de sentidos assim como sua análise.

A autora destaca que não há a intenção da análise exaustiva ou extensiva: independentemente do tamanho do texto, da extensão do *corpus* analisado, este invariavelmente liga-se a uma discursividade, ou seja, faz parte de um processo maior que pode ser identificado pelo pesquisador.

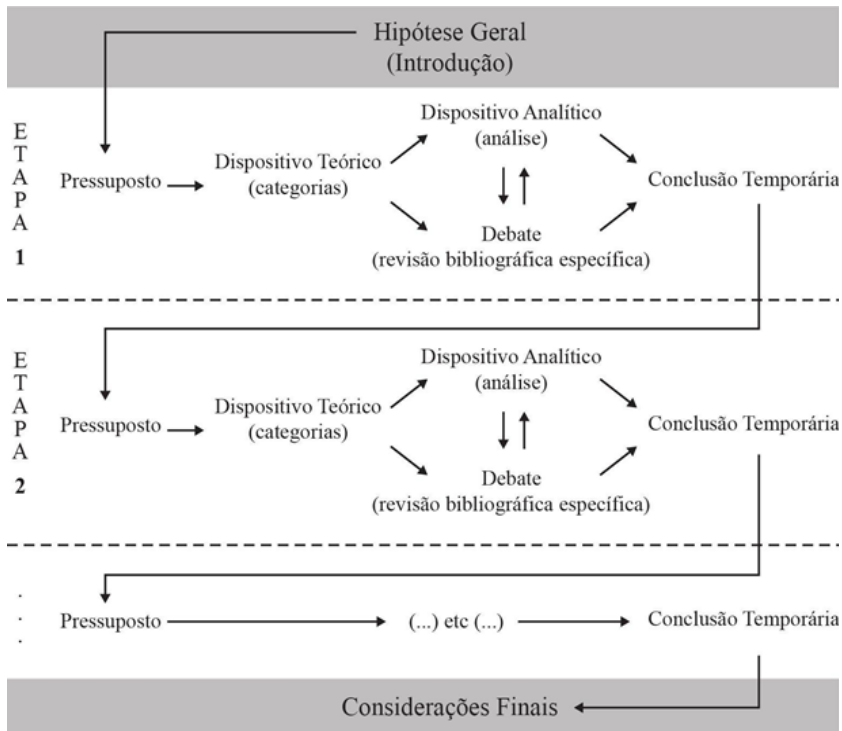
O pesquisador, então, busca entender o mecanismo das formações discursivas, explicitar os sujeitos exatamente por sua produção de sentido, ou seja, analisar como se dão as redes de significação. Para Orlandi, não cabe ao pesquisador intencionar a posição neutra, ou a posição “fora da história”, o que demonstraria certa ingenuidade perante os aspectos sociais da linguagem. Cabe, sim, dirigir-se a uma posição deslocada ao utilizar a mediação teórica: Orlandi ressalta a importância do escopo teórico reger a análise, estabelecer o rigor metodológico e intermediar as avaliações críticas realizadas na pesquisa. O pesquisador é o indivíduo que fala sobre certo discurso situando-se em certa perspectiva teórica. Desse ponto, advém o conceito de dispositivo teórico, um *corpus* teórico que intervém na relação entre o pesquisador e o texto analisado. O dispositivo teórico permite a criação de dispositivos analíticos. Dispositivo analítico, então, sendo o dispositivo teórico individualizado a uma análise específica tendo em vista a questão posta pelo pesquisador e a finalidade da análise. Ou seja, certa reflexão teórica potencialmente sugere certos tipos de análise em determinado texto. Ao mesmo tempo em que o dispositivo teórico propicia a possibilidade da análise, também a rege determinando seus limites e procedimentos.

## CONFIGURANDO A ANÁLISE DO DISCURSO NO CAMPO DO DESIGN

Ao aproximar essa concepção de Análise do Discurso com o campo do Design, opta-se por configurar um viés categórico e esquemático enfatizando a sequencialidade de modo a construir em etapas definidas o processo de pesquisa. Portanto, distingue-se elementos específicos da técnica: o dispositivo teórico, o

dispositivo analítico (abordados anteriormente), o pressuposto, o debate (opcional), a conclusão temporária, a hipótese geral e as considerações finais, como mostra a Figura 1.

**Figura 1** – Etapas metodológicas.



Fonte: os autores.

- **Hipótese Geral:** A hipótese geral da investigação pode advir tanto da observação, pelo pesquisador, de certo fato, característica ou peculiaridade de certo objeto de estudo quanto de outras pesquisas e estudos anteriores, próprios ou de outros pesquisadores. Na pesquisa-exemplo, a hipótese geral deriva de um ponto crítico constatado em um estudo anterior (SARMENTO, 2014). O ponto crítico observado refere-se à questão da violência nos desenhos animados apresentar-se como tema naturalizado, o que indica, potencialmente, certa perda de visibilidade dos critérios determinados pela sociedade. A partir dessa questão, é elaborada a hipótese geral da pesquisa-exemplo: o processo de classificar, como próprias ou impróprias as produções audiovisuais (método utilizado pela Classificação Indicativa

brasileira), apresenta baixa repercussão na cultura da infância contemporânea se comparado a outros métodos.

- **Pressuposto:** o primeiro pressuposto (etapa 1) desenvolve-se como uma hipótese menor derivada da hipótese geral, como uma suposição mais restrita e específica que, contudo, inclui-se na hipótese geral. Já os próximos pressupostos desenvolvem-se a partir das conclusões temporárias, como continuação do que foi apreendido das análises, debates e reflexões anteriores. Em ambos os casos, a suposição funciona como conjecturas que insinuam caminhos de reflexão.
- **Dispositivo Teórico:** os pressupostos sugerem discussões teóricas mais amplas desenvolvidas por intelectuais que abordam conceitos consolidados em determinado campo de conhecimento. Na pesquisa-exemplo, no dispositivo teórico da etapa 1, debruçou-se sobre o pensamento de Philippe Ariès, Neil Postman e Jean-François Lyotard (no intuito de discutir a noção de infância) e, no dispositivo teórico da etapa 2, abordou-se a teoria de Mikhail Bakhtin e de Eni Orlandi (no intuito de discutir aspectos sociais da linguagem). A proposta não é, obrigatoriamente, separar diferentes autores em cada dispositivo teórico da pesquisa, mas, sim, fracionar os conceitos teóricos os encaixando com pressupostos de maior afinidade. Assim, torna-se mais claro para o pesquisador (também para o leitor) que categorias são elaboradas e como são direcionadas para determinada análise. As categorias desenvolvidas podem ser os próprios conceitos dos autores referenciados ou, também, noções ou termos criados pelo pesquisador a partir de um ou mais autores. Na pesquisa-exemplo, o pensamento de Ariès e Postman sugerem a criação de duas noções de infância (infância convencional e disruptiva) que se consolidam como categorias. As categorias servem de substrato tanto para a análise posterior, quanto para os debates (a busca de referências bibliográficas específicas).
- **Dispositivo Analítico:** a partir das categorias desenvolvidas no dispositivo teórico, é possível elaborar elementos singulares de análise, tanto no sentido da delimitação do recorte específico de observação quanto na elaboração dos próprios parâmetros de avaliação. Na pesquisa-exemplo, as categorias infância convencional e infância disruptiva sugeriram certas palavras-chave na seleção de textos legislativos e indicaram, também, o quanto e como estas categorias são observadas no *corpus* deste mesmo texto, ou seja, sua pertinência discursiva. Já na etapa 2, as categorias efeito metafórico e efeito



metonímico (desenvolvidas a partir do pensamento de Bakhtin) serviram de parâmetro na análise visual do desenho Hora de Aventura.

- **Debate (opcional):** as categorias desenvolvidas no dispositivo teórico também podem sugerir a pesquisa de um escopo de literatura mais específica e restrita indicando aspectos já abordados, não exclusivamente pelos teóricos principais do referencial, mas também por estudos correlatos que focam sua atenção em aspectos similares aos intencionados na análise. Embora o debate não seja imprescindível, serve para atualizar ou sugerir outras categorias. Na pesquisa-exemplo, diversos estudos com foco na Classificação Indicativa demonstram que o âmbito de “proteção da criança e do adolescente” e o aspecto de “censura ditatorial” configuram-se como tensão política do campo. Ambos os termos, então, serviram como categorias auxiliares na análise do texto legislativo.
- **Conclusão Temporária:** a partir do dispositivo teórico, do dispositivo analítico e dos debates é possível averiguar, em certo nível, a pertinência do pressuposto sintetizando pontos conclusivos temporários. A ênfase no aspecto temporário revela a potência de continuidade da linguagem, ou seja, a possibilidade desses pontos serem revistos em alguma análise posterior e, também, seu encadeamento ao sugerir o pressuposto da próxima etapa. Para facilitar essa integração entre conclusão temporária e pressuposto (da etapa posterior) é possível assinalar esquematicamente alguns pontos críticos desenvolvidos. Além disso, a comparação desses pontos críticos com os resultados de outras pesquisas correlatas (tanto resultados similares como resultados antagônicos) potencializam a complexidade da investigação assim como a elaboração de etapas posteriores mais fundamentadas.
- **Considerações Finais:** as considerações finais são, de certo modo, uma conclusão temporária, contudo de forma mais completa: as considerações finais têm a função de sintetizar as conclusões temporárias das diversas etapas, retornar à hipótese geral avaliando sua validade com base em todo o escopo de reflexão e análise produzido na investigação, além de indicar possíveis caminhos de pesquisa futura.

## EXEMPLIFICANDO A METODOLOGIA COM UM ESTUDO DE CASO

Nesse ponto, apresenta-se as etapas metodológicas da pesquisa-exemplo utilizando-a como estudo de caso. Para cada etapa, exibe-se uma tabela resumindo<sup>2</sup> os

---

<sup>2</sup> Devido ao tamanho desse texto, não é possível esmiuçar a passagem de cada elemento



elementos da pesquisa de modo esquemático: o pressuposto, o dispositivo teórico (separado em autores e categorias desenvolvidas), o dispositivo analítico (dividido em procedimentos), o debate (resumido em categorias abordadas), a conclusão temporária (sintetizada em pontos críticos e, opcionalmente, debate com outros autores). Além desses elementos, a primeira etapa é iniciada com a hipótese geral e a quarta e última etapa é finalizada com as considerações finais.

**Tabela 1** – Etapa 1

| <b>Hipótese Geral</b>   |  |
|---|--|
| O processo de classificar como próprias ou impróprias as produções audiovisuais (método utilizado pela Classificação Indicativa brasileira) apresenta baixa repercussão na cultura da infância contemporânea se comparado a outros métodos. |  |
| <b>ETAPA 1</b>  |  |
| Pressuposto   | Há dessincronia entre o processo regulador da Classificação Indicativa brasileira e o modo como a infância acessa a mídia na contemporaneidade.  |
| Dispositivo Teórico   | <b>Autores:</b> Philippe Ariès / Neil Postman / Jean-François Lyotard<br><b>Categorias:</b> Infância convencional / Infância disruptiva  |
| Debate  | <b>Categorias:</b> Proteção da criança e do adolescente / Censura ditatorial   |
| Dispositivo Analítico   | <b>Procedimentos:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Selecionar documentos legislativos brasileiros (referentes à regulação do acesso à cultura de massa pelas crianças) através de pesquisa por palavras-chave.</li><li>• Comparar os enunciados legislativos em relação à Classificação Indicativa brasileira atual a partir das categorias desenvolvidas no dispositivo teórico e no debate.</li></ul> |

---

metodológico (dispositivo teórico, dispositivo analítico, debate etc.) e de cada etapa em sua integralidade. Para entendimento mais completo, é necessário acessar a tese (SARMENTO, 2019).

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| <p>Conclusões Temporárias</p> | <ul style="list-style-type: none"><li>• A Classificação Indicativa insere-se no percurso histórico de leis referentes ao controle dos conteúdos culturais à criança.</li><li>• A disputa de interesse no controle do horário de exibição dos programas televisivos é um dos principais obstáculos para a Classificação Indicativa.</li><li>• A crítica ao controle do horário televisivo persiste ao identificá-lo como ato de censura ditatorial, e não como proteção à criança e ao adolescente realizada pelo Estado.</li><li>• A Classificação Indicativa apresenta aplicabilidade extremamente reduzida: grande número de obras audiovisuais televisivas não são classificadas.</li><li>• A Classificação Indicativa não classifica conteúdos provenientes da internet acessados no computador ou no celular pelas crianças.</li><li>• A internet torna-se lugar potencial de acesso ao proibido por outras instâncias e, assim, questiona-se a eficácia quanto à restrição por horários.</li><li>• Portanto, há uma descontinuidade entre a Classificação Indicativa e as práticas realizadas no contexto da prática disruptiva da infância na atualidade.</li></ul> <p><b>Autores para o debate dos pontos críticos:</b> Sonia Livingstone</p> |
|-------------------------------|---|

As conclusões temporárias da etapa 1 encaminham a pesquisa para a etapa 2: a partir dos pontos críticos, manifesta-se a importância em repensar os processos de mediação entre mídia e criança considerando, principalmente, a condição contemporânea da infância. Visto que as crianças desenvolvem intensa conexão com programas televisivos *mainstream*, programas que potencialmente a Classificação Indicativa não recomendaria, sugere-se focalizar a pesquisa no “ponto de choque” entre essas instâncias. Ao testar o procedimento de classificação em si (a delimitação do que é ou não é próprio a determinada faixa etária, ou seja, as classificações Livre, +10, +12, +14, +16 e +18) em uma produção audiovisual contemporânea infantil, possivelmente, surgirão dissonâncias entre a infância convencional e a infância disruptiva. Assim, opta-se pela análise de um objeto de estudo específico, o desenho animado Hora de Aventura, a partir dos critérios presentes no Guia da Classificação Indicativa brasileira.

**Tabela 2 – Etapa 2.**

| <b>ETAPA 2</b>         |   |
|------------------------|---|
| Pressuposto            | O método classificatório (Livre, +10, +12, +14, +16, +18) não apresenta a objetividade que a instituição, Classificação Indicativa, afirma. Pelo contrário, é possível que diferentes sujeitos alcancem classificações extremamente diferentes, mesmo com os mesmos critérios.  |
| Dispositivo Teórico    | <b>Autores:</b> Mikhail Bakhtin / Eni Orlandi<br><b>Categorias:</b> Gêneros do discurso / Efeito metafórico / Efeito metonímico / Paráfrase / Polissemia  |
| Dispositivo Analítico  | <b>Procedimentos:</b><br><ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar a análise visual de seis episódios do desenho animado Hora de Aventura a partir dos critérios da Classificação Indicativa relacionados à violência.</li> <li>• Comparar os resultados (do procedimento anterior) com a classificação realizada pela própria Classificação Indicativa.</li> </ul>   |
| Conclusões Temporárias | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Divergências entre a análise realizada pelos pesquisadores e a avaliação da Classificação Indicativa explicitam dificuldades na objetividade classificatória.</li> <li>• O aspecto polissêmico da linguagem permite diferentes interpretações do infantil, ou seja, naturaliza-se o que é próprio e impróprio de modo divergente, por vezes, contraditório.</li> <li>• Algumas representações de violência presentes nos desenhos animados apontam para gêneros do discurso considerados tipicamente inapropriados para criança (como terror, artes marciais, animês) e os reavivam.</li> <li>• Assim, pelo processo interpretativo, as crianças potencialmente acessam gêneros considerados socialmente como impróprios.</li> <li>• Portanto, os critérios do Guia da Classificação Indicativa não atuam como marca distintiva que permita diferenciação nítida de conteúdo próprio e impróprio.</li> <li>• Estabelecer relações completamente fixas e diretas entre imagem (desenhos animados) e texto verbal (critérios da Classificação Indicativa) não é possível em sua integralidade.</li> </ul> <p><b>Autores para o debate dos pontos críticos:</b> Tatiana Merlo Flores / Maria Belloni / Jacques Rancière</p> |

Um dos pontos positivos da metodologia proposta neste capítulo é a possibilidade de fragmentar momentos da investigação organizando as análises e reflexões teóricas de forma inteligível: parte das discussões realizadas até este ponto da pesquisa-exemplo originaram a conferência *Brazilian advisory rating and*

*criticism of objective classification: Adventure Time analysis based on violence rating criteria* (2018). Com base nos pontos críticos das etapas 1 e 2, constata-se a necessidade de capacitar a criança criticamente frente aos agentes midiáticos, ou seja, estimular a sua capacidade de refletir sobre o que assiste e, além disso, potencializar métodos de mediação em que a criança não seja apenas “objeto” a ser restringido o acesso, mas, sim, apresente voz ativa. Nessa perspectiva, propõe-se a pesquisa de campo com foco nas crianças (mas contemplando também outros agentes envolvidos, os pais e os animadores) na intenção de sondar questões relevantes à mediação.

**Tabela 3** – Etapa 3.

| <b>ETAPA 3</b>        |  |
|-----------------------|--|
| Pressuposto           | Existem profundas diferenças no modo de entender a complexidade estética e narrativa dos desenhos animados contemporâneos pelas crianças e por seus pais, sendo isto um fator que prejudica a mediação parental e a orientação ética que os pais propõem a seus filhos.  |
| Dispositivo Teórico   | <b>Autores:</b> Paulo Freire / Jacques Rancière / Pier Paolo Pasolini<br><b>Categorias:</b> Emancipação intelectual / Embrutecimento / Igualdade de inteligências / Fetiche  |
| Dispositivo Analítico | <b>Procedimentos:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Realizar entrevistas com crianças (consumidores), animadores (produtores) e pais (mediadores) a partir da exibição de dois episódios do desenho Hora de Aventura (relacionados à temática da violência e do gênero terror) e de dinâmicas com cartas (representando cenas e personagens da série animada).</li></ul> |

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| <p>Conclusões Temporárias</p> | <ul style="list-style-type: none"><li>• A distância entre o universo midiático acessado pela criança e pelo adulto potencialmente prejudica a mediação parental: a distância geracional gera dificuldades em se estabelecer diálogos não hierárquicos.</li><li>• Enquanto as crianças tendem a enfatizar seus interesses por certo desenho animado, seus pais podem apresentar extremo desinteresse (por vezes, aversão a tal conteúdo), podendo, assim, perder criticidade frente ao mesmo.</li><li>• Os pais tendem a considerar conteúdo de má qualidade desenhos animados que não apresentem aspectos didáticos explícitos, desenhos em que há ausência de uma “mensagem clara”.</li><li>• Observa-se a tendência das crianças a naturalizar os modelos agressivo e submisso como formas de resolução de conflitos interpessoais. Ao mesmo tempo, constata-se a extrema dificuldade na escolha de modelos assertivos.</li><li>• Em contextos menos críticos, crianças que são fãs de certo personagem (de certo desenho animado) tendem a considerar suas atitudes corretas <i>a priori</i> (porque o personagem é “do bem”), o que potencialmente legitima modelos agressivos como atos normais.</li><li>• Constata-se a recorrência de uma compreensão contraditória em relação à agressividade e à assertividade pelas crianças: o “bem” tem direito de bater no “mau”, concomitantemente, bater é errado, o certo é conversar.</li><li>• Observa-se a deslegitimação das perspectivas dialógicas e assertivas a partir do entendimento de que a conversa não seja efetiva na resolução de conflitos.</li></ul> <p><b>Autores para o debate dos pontos críticos:</b> Sonia Livingstone / Yalda Uhls, Laurel Felt e Katherine Wong / Maria Isabel Leme</p> |
|-------------------------------|--|

A etapa 3, por ser mais extensa devido ao tamanho do material coletado e às questões daí advindas, possibilitou o desenvolvimento de dois artigos (SARMENTO; GAMBA, 2019, 2020). Com base nos pontos críticos da etapa 3, enfatiza-se a necessidade de investigar ações educacionais que se alinhem com uma infância crítica, participativa e autônoma, ou seja, em políticas públicas de cunho mais instrutivo do que o processo restritivo da Classificação Indicativa. A investigação, então, aproxima-se da Literacia Midiática, campo propício a um fundamento crítico da mídia, e opta-se por ampliar a discussão: primeiro, são discutidas políticas públicas, brasileiras e europeias, que enfatizam a perspectiva crítica frente à mídia. Segundo, são propostas entrevistas com outros agentes relacionados à infância e mídia, na intenção de confrontar as pré-conclusões desta investigação a outras pesquisas e vivências. Para tanto, optou-se por desenvolver

entrevistas semiestruturadas. Diferentemente das etapas, em que se apresenta o item Conclusões Temporárias, opta-se por mesclar este item às Considerações Finais.

**Tabela 4 – Etapa 4.**

| <b>ETAPA 4</b>  |   |
|---|---|
| Pressuposto   | Métodos de mediação parental com potência instrutiva, ao invés de restritiva, contemplam melhor os aspectos disruptivos na infância contemporânea.  |
| Dispositivo Teórico   | <b>Autores:</b> Sonia Livingstone / José Pacheco / Monica Fantin<br><b>Categorias:</b> Mediação capacitante ( <i>enabling mediation</i> ) / Oportunidades X Riscos / Aprender em comunidade   |
| Debate  | <b>Categorias:</b> Infância crítica (capacidade crítica das crianças frente à mídia) / Ensino operacional das TICs / Alteridade criança-adulto  |
| Dispositivo Analítico   | <b>Procedimentos:</b><br><ul style="list-style-type: none"> <li>• Selecionar 10 especialistas, 5 brasileiros e 5 portugueses, para entrevista. De modo a propiciar um ambiente de alteridade, os entrevistados são separados em 4 grupos relacionados ao tema da investigação: (1) pesquisadores relacionados à infância e mídia, (2) agentes de projetos sociais relacionados à infância crítica, (3) educadores da área de Animação e (4) professores com experiência em metodologias alternativas de Educação.</li> <li>• Elaborar as perguntas das entrevistas tendo como base as Conclusões Temporárias da Etapa 3.</li> </ul> |
| <b>Considerações Finais</b>   |   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• As análises e debates realizados no decorrer desta investigação indicam que o ato de restringir o acesso da criança a determinado desenho animado, ou a determinada produção midiática, evidencia pouca repercussão nas práticas da infância contemporânea.</li> <li>• Revela-se mais significativo o esforço dos pais, professores e adultos em geral de conversar com as crianças sobre seus afetos midiáticos – seus desenhos, <i>games</i>, novelas, <i>youtubers</i> favoritos – para, a partir deste ponto, realizar a orientação educacional. Não se quer dizer com isso que qualquer restrição aos conteúdos midiáticos seja necessariamente negativa, mas, sim, que no cenário contemporâneo de acesso múltiplo e fragmentado, as restrições não se sustentam como método único de mediação.</li> <li>• Propõe-se, nesse sentido, deslocar a atenção da produção cultural em si (e de sua classificação) a redirecionando para a própria fala da criança sobre esta produção cultural.</li> </ul> |   |

Como pode ser observado, nas considerações finais são conjugadas as conclusões temporárias anteriores de modo a sintetizar a resposta à hipótese geral. Fecha-se o ciclo, ao mesmo tempo, que se sinaliza novos caminhos de pesquisa: a

possibilidade de construção de uma nova hipótese geral a partir das considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta metodológica, aqui abordada, aproxima a Análise do Discurso (de Eni Orlandi) da área do Design mostrando elementos em etapas esquemáticas e processuais a partir da pesquisa-exemplo. Um dos pontos positivos dessa metodologia para análise de dados do campo refere-se à facilidade em trabalhar com diferentes esferas do conhecimento numa mesma investigação. Essa abordagem é peculiarmente favorável na pesquisa em Design visto que a prática regular, há pelo menos três décadas no Brasil, amplia seu potencial de pesquisa conectando-se com outras áreas do saber. Outro ponto propício, refere-se à possibilidade do pesquisador ampliar ou reduzir o número de etapas de acordo com o cronograma da pesquisa: ou seja, a flexibilidade em organizar o tempo.

A Análise do Discurso, exatamente por aceitar variados *corpus* teóricos, dificulta uma comparação sintética entre pesquisas (que discutem um mesmo objeto de estudo, ou uma mesma temática) a partir de um mesmo modelo com categorias similares. O cruzamento, de categorias de distintas esferas do saber, enfatiza a complexidade e não a síntese. Assim, é esperado que a sua generalização tenha a limitação típica de estudos com abordagem qualitativa e interdisciplinar. No entanto, a potencialidade de fazer emergir questões tão relevantes para quem atua no segmento de comunicação multissensorial para crianças justifica o uso do método em uma área tão complexa e nos desafios de um campo de pesquisa com relevância.

## AGRADECIMENTOS

Este estudo foi financiado em parte pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela PUC-Rio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.



BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

PAULON, Andréa; NASCIMENTO, Jarbas Vargas do; LARUCCIA, Mauro Maia. Análise do Discurso: Fundamentos Teórico-Metodológicos. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, Aquidauana: Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Interdisciplinar de Professores (GEPFIP), v. 3, n. 1, 2014, p.25-45.

SARMENTO, Pedro Faria. **A naturalização e a representação visual do gênero infantil: a violência na série Hora de Aventura**. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SARMENTO, Pedro Faria. **Os desenhos animados e a infância: da Classificação Indicativa à Educação para as Mídias**. 2019. 225 f. Tese (Doutorado em Design) – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SARMENTO, Pedro Faria; GAMBA, Nilton Gonçalves. “Eu acho, assim, psicodélico, apocalíptico, não faz sentido...”: Hora de Aventura e distância geracional na mediação parental. **C-legenda**, Niterói: PPGine - Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, n. 37, 2019, p.97-112.

SARMENTO, Pedro Faria; GAMBA, Nilton Gonçalves. “Eu acho que não tem problema ele bater, porque ele é o herói: Hora de Aventura e resolução de conflitos”. **Educação Gráfica**, Bauru: FAAC-UNESP, v. 24, maio 2020, p.37-57.

SARMENTO, Pedro Faria; GAMBA, Nilton Gonçalves; TAVARES, Paula. Brazilian advisory rating and criticism of objective classification: Adventure Time analysis based on violence rating criteria. *In*: CONFIA (CONGRESSO INTERNACIONAL DE ILUSTRAÇÃO E ANIMAÇÃO), 6., 2018, Esposende. **Anais**. Esposende: Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, 2018. p.112-122.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Nilton Gonçalves Gamba Junior** é Coordenador do DHIS – Laboratório de Design de Histórias do Programa de Pós-graduação em Design do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. Possui graduação em Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), mestrado em Design pela Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro (1999) e doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Artes, Design e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativa, mídia, pós-modernidade, tecnologias, artes performativas. Autor multimídia é membro fundador da Cia. Nós Nos Nós de circo-teatro. gambajunior@puc-rio.br

**Pedro F. Sarmiento** é doutor em Design pela PUC-Rio. Lecionou *Motion Design*, Animação Digital *Cut-Out*, Edição de Vídeo e Ilustração Digital (PUC-Rio e Infnet). É membro do DHIS (Laboratório de Design de Histórias) e desenvolve projetos relacionados a animação, *motion design*, ilustração e comunicação visual. Ele também escreve e ilustra livros infantis. Como seus principais trabalhos, podemos citar os livros *Ubuntu, eu sou porque nós somos* (livro utilizado como recurso pedagógico em várias escolas brasileiras); *Mandioca, a história do parecido diferente*; e *Mar das Deslembanças, histórias do Mestre Ambrósio*. pedrofsarmiento@gmail.com

